

CADERNO Nº 7

CADERNO Nº 7

Instruções do Pe. Manuel Nunes Formigão
às religiosas do seu Instituto sobre:

Eucaristia

Penitência

Contrição

Temas de formação para as Superiores

EUCARISTIA

1. Transubstanciação (mudança da substância do pão e do vinho na substância do corpo e do sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo);

Consubstanciação (mudança simultânea de duas substâncias juntas);

Impanação (fusão, união hipostática da substância de Cristo com a substância do pão e do vinho).

2. Substância - acidente.

3. Espécies ou aparências.

4. Nosso Senhor está na Eucaristia:

Verdadeiramente, não por figura ou símbolo;

Realmente e não por causa da nossa fé e imaginação;

Substancialmente, na sua própria substância e não com presença meramente virtual, isto é, pelos efeitos que ali produz.

5. Não há diferença na comunhão de quem só recebe uma partícula ou de quem recebe duas, ou até de quem teve a comunhão debaixo das duas espécies.

6. Cada parcela contém o Corpo de Cristo todo inteiro.

7. Condições da permanência da presença real: enquanto as espécies, *signal sensível*, não se alteram.

8. Jesus Cristo, presente em mais lugares ao mesmo tempo. Como?

9. Disposições para comungar: Alma, Corpo.

Alma: estado de graça, ter um grande amor para com Nosso Senhor, com grande desejo de evitar o pecado.

Corpo: jejum exterior modesto e recolhido.

Antes da Comunhão: actos de fé, humildade, confiança, amor, desejos.

Depois da Comunhão: acto de adoração, de agradecimento e de súplica.

10. Figuras da Eucaristia.

11. Muitos e grandes milagres. Submete-se a inauditas humilhações.

12. Efeitos ou vantagens da Comunhão: conserva e sustenta a vida da alma, perdoa os pecados veniais e preserva dos mortais, dá consolação e conforto espiritual, aumentando a caridade e a esperança da vida eterna de que é penhor.

PENITÊNCIA

Virtude que compreende detestação dos pecados cometidos, a resolução de nunca mais cair neles e a vontade de satisfazer a Deus.

(355, 356, 357) Este sacramento tem dois nomes: *penitência* e *confissão*. Duas significações da palavra penitência, idem da palavra confissão. David, Instituição (527)

Era conveniente que Deus perdoasse por meio de outros homens porque:

1º. É este o meio ordinário por que existem e se santificam os homens;

2º. A relação imediata de cada homem com Deus dá facilmente lugar a exageros e ilusões;

3º. O homem sinceramente arrependido sente necessidade duma palavra que o assegure do perdão realmente conquistado;

4º. Tal meio dá ensejo ao exercício das principais virtudes morais. A piscina probática, figura do sacramento da penitência (524) 357 e 358. Aprovação do Bispo, lugar para o exercício da jurisdição. Parábola do filho pródigo (525) 359.

O exame é necessário:

1º. Para recordar os pecados e confessá-los,

2º. Para ajudar a ter dor de cada um dos pecados,

3º. Para os confessar como deve ser.

O exame deve ser bem feito e com discrição, cumprindo evitar dois excessos:

O de o fazer com precipitação (pensar rapidamente no passado sem reflectir nele seriamente).

O da demasiada ansiedade, pela qual nunca se está tranquilo, teme-se sempre ter esquecido alguma coisa.

Como se faz o exame?

À noite, antes de se irem deitar, façam esta reflexão: se agora morresse, morreria tranquilo? Ao apresentar-me no tribunal de Deus, não teria nada que censurar-me pelo dia de hoje? Que desejaria ter feito? Que desejaria, pelo contrário, ter omitido?

Método para fazer o exame

S. Francisco de Sales: Que é que faz um relojoeiro experiente quando quer deveras descobrir os defeitos dum relógio? Desmancha-o todo, examina diligentemente todas as peças e encontra onde está o defeito.

Os pecados mortais, todos, número exacto ou aproximado

Efeitos do pecado:

- 1º. Mancha a alma;
- 2º. faz perder a vida sobrenatural (graça e virtudes) e os méritos adquiridos;
- 3º. é a ocasião de uma pena a sofrer (eterna ou temporal);
- 4º. traz consigo o remorso.

Efeitos do sacramento:

- 1º. Lava a mancha;
- 2º. restitui a vida sobrenatural e faz reviver os méritos;
- 3º. restitui a paz à alma.

A penitência é um grande remédio contra os pecados, não só porque os apaga, mas também porque nos ajuda a resistir às tentações, obriga-nos a evitar as ocasiões e a corrigir-nos dos nossos maus hábitos.

Tribunal da penitência - jurisdição (determinação dos lugares, das pessoas, dos pecados, aprovação, poder das chaves).

(Pág. 162 do Catecismo. Pág. 163 do Catecismo grande - exercício de reflexão. Pág. 165, idem. Os efeitos do pecado mortal - Méritos perdidos e encontrados - O grande remédio - Jesus e os pecadores. Pág. 171. A promessa - A instituição).

A CONTRIÇÃO

A contrição é a parte principal do sacramento da penitência.

Qualidades da contrição: interna, sobrenatural, sincera e universal.

Questões calcadas sobre a Teologia, por isso difíceis de compreender.

Lição que se traduzirá, na prática, durante uma vida inteira.

1º. Definição

2º. Qualidades

3º. Espécies

4º. Contrição perfeita: motivos, efeitos, sua acção fora do sacramento

5º. Contrição imperfeita: *motivos, efeitos*

6º. Necessidade

7º. O que é preciso para ter a contrição

361 - Contrição é a dor de ter ofendido a Deus com a firme intenção de nunca mais O ofender. Interior: verdadeira, do coração. É a sinceridade da contrição. Um filho que, usando de hipocrisia pede perdão duma falta sem ter pesar dela, não tem contrição interior.

A dor de ter pecado deve ser superior a toda a outra dor. Esta dor não é uma dor sensível, mas o fruto do trabalho da nossa razão e da nossa vontade.

Quanto maior é o bem perdido, tanto mais forte é a dor. Uma criança perde alguns tostões, está penalizada com esta perda; perde cem mil réis, a pena é muito maior. O pecador perde o bem supremo, a beleza infinita. É o raciocínio que nos faz ver a grandeza da nossa perda.

É por acto da vontade que detestamos o pecado, causa da perda de Deus. Detestamo-lo como o maior de todos os males. É este duplo trabalho de inteligência e vontade que produz a contrição.

Esta contrição não é, pois, uma contrição sensível - a emoção sensível não depende da nossa vontade - e compreendemos que esta dor racional não é necessário que nos faça chorar. Uma desgraça de ordem natural poderá provocar uma emoção sensível muito mais forte. A dor é *apreciativamente* e não *intensivamente*.

A intensidade da pena não é um elemento requerido; por maioria de razão, as demonstrações exteriores, como as lágrimas e os outros sinais da dor.

Universal

A contrição deve estender-se a todos os pecados mortais. Deus não pode perdoar e restituir a Sua graça se o pecador não detesta todas as suas faltas. Alguém vos dá várias pancadas, pede-vos perdão de todas elas excepto duma de que não se arrepende. Não podeis perdoar-lhe. Um vaso tem três buracos: não tapas senão dois, a água não ficará no vaso. Assim a graça não pode habitar numa alma que conserva o apego ao seu pecado.

Sobrenatural

(Ladrão) - preso - dor natural porque (?)¹ o priva da liberdade. O motivo do seu pesar não é por fazer mal ao próximo ou porque ofendeu a Deus (Judas).

O verdadeiro pesar é aquele que tem a sua origem na graça de Deus: um pecador lastima ter perdido o bem, ter merecido o inferno, ter sido a causa dos sofrimentos de Cristo sobre a Cruz: pesar sobrenatural, portanto contrição sobrenatural.

Duas espécies de contrição sobrenatural.

Pode lastimar-se um acto por vários motivos e, entre esses motivos, há grande diferença. Exemplo: duas crianças desobedecem e, com sua desobediência, consumam um grave desastre. Uma detesta-o porque será privada da sobremesa, do passeio, etc.; a outra, porque vai dar desgosto a sua mãe. Os motivos são diferentes. Qual é o mais nobre? Aquele que não reflecte o seu interesse pessoal. Para com Deus, sucede o mesmo.

A contrição perfeita

É a dor de ter ofendido a Deus porque ele é infinitamente bom, perfeito, e o pecado desagradá-lhe. No fundo, detestamos o pecado porque amamos a Deus e estamos tristes de termos ofendido aquele que amamos.

Motivos da contrição perfeita

O pecado é contrário à bondade de Deus, ao seu amor; é a causa da morte de Nosso Senhor sobre a cruz, a cabeça coroada de espinhos, pés e mãos pregados, coração trespassado...

¹ Palavra imperceptível.

A contrição imperfeita

É a dor de ter ofendido a Deus porque o pecado é o maior de todos os males e nos faz perder o céu e merecer o inferno. Motivos de interesse pessoal. Do mesmo modo que uma criança começa por detestar uma falta porque será punida com um castigo corporal, assim aquela que tem a contrição imperfeita tem pena dos seus pecados por causa do mal que lhe ocasionam.

Alguém disse que a contrição perfeita era, em certo sentido, mais fácil que a contrição, porque correspondia a um sentimento mais nobre do coração humano.

A verdadeira contrição deve ser seguida do firme propósito: vontade de não mais pecar (notar que o receio de cair no pecado não é contrário ao firme propósito); depois, as recaídas nem sempre provam a ausência de firme propósito. Vontade de evitar as ocasiões; emprego dos meios de perfeição.

(Pág. 184. e 185 e 187 do Cat. A contrição deve ser um encaminhar-se para a contrição perfeita. Pág. 188 – 192).

FORMAÇÃO DAS SUPERIORAS

(JULHO DE 1932)

Dogma

(Catecismo 1ª parte)

Antes de começar a explicação do catecismo, devo dizer que, no ensino da ciência da religião, é preciso atender à qualidade dos ouvintes, à sua capacidade intelectual e ao grau da sua cultura. Doutra forma não se conseguiria o fim que se tem em vista. Evidentemente, um curso de catecismo não é um curso de teologia num seminário ou numa universidade católica. Num seminário ou numa faculdade teológica, os ouvintes são sempre adolescentes ou homens feitos, com a sua inteligência repleta de conhecimentos das ciências profanas e da iniciação elementar da religião, com o espírito desenvolvido por um curso longo de estudos preparatórios e, especialmente, por uma cuidada preparação filosófica, durante dois outros anos.

Considerando, pois, a índole e as circunstâncias das pessoas a quem me dirijo, aparte algumas poucas excepções que não podem ser tomadas em linha de conta para este efeito, com prejuízo das restantes, cumpre-me apresentar-lhes a Religião como a mais verdadeira, a mais bela e a mais santa das histórias e não como um conjunto de temas profundos, como um complexo de teoremas difíceis de demonstrar. A religião deve ser proposta, não como um estudo a fazer, mas, além disso, principalmente, como uma doutrina a viver. É que ao cristianismo não interessa menos o coração e a vontade do que a razão.

A religião apresentada assim, como uma história concreta, de base, da nossa fé, cada qual deve revivê-la. Não é um objecto da nossa necessidade mas impõe-se à nossa acção.

Neste ponto de vista, o ensino religioso é, ao mesmo tempo, prático e teórico. E é eminentemente vivo, porque solicita todas as nossas faculdades. Limitar-me-ei, portanto, a expor positivamente as verdades da fé, sem instituir em volta de cada uma delas qualquer discussão teológica. De resto, esta discussão é supérflua, porque me dirijo a pessoas que, mercê de Deus, possuem o dom incomparável duma fé viva,

tranquila e profundamente vivida. Acresce que a maior parte das pessoas mesmo instruídas, não sente gosto nem tem interesse pelos exercícios ideológicos. Preferem a simples narrativa dos factos, a exposição da verdade, o resultado da investigação científica e não a própria investigação, e, ainda menos, objecções de ordem lógica. E isto sobretudo quando não tem a suficiente preparação filosófica para ler elaborações essencialmente especulativas ou teóricas. Por consequência, devo ter plena confiança na vossa docilidade intelectual, moral e religiosa.

Vós sois minhas discípulas, natural e espiritualmente. E, decerto, quereis ser tratadas como tais. Eis uma conclusão que é extremamente animadora e reconfortante, tanto para vós como para mim, no limiar do estudo desta parte do catecismo, que será objecto das nossas atenções durante o semestre que agora começa: o *dogma*

Que é o catecismo?

O catecismo é um ensino. Este ensino é duma importância capital. Se as ciências profanas são necessárias porque, sem o conhecimento delas, ficamos ignorantes e inaptos para aproveitarmos os bens da vida presente, mais necessária é a ciência da religião, o ensinamento religioso, o estudo do catecismo, que nos faz conhecer a Deus.

Quem é Deus relativamente a nós?

É um Pai. Tal foi o título que, em nosso nome, Ihe deu Nosso Senhor Jesus Cristo, ao ensinar-nos como havíamos de rezar, ao propor-nos a mais bela e mais perfeita de todas as orações: a oração dominical, o Pai-Nosso. Este Pai, que é nosso Pai, não O conhecemos, não O conhecemos bastante. A doutrina do catecismo é uma doutrina, um ensinamento de verdade, é o ensinamento de Deus.

Efectivamente, o catecismo é-nos apresentado pela Igreja, a Igreja vem de Jesus Cristo, Jesus Cristo é o Messias, Filho de Deus, que sai do povo judeu, o qual, por sua vez, sai das mãos de Deus.

A importância do catecismo compreender-se-á melhor se compararmos os bens, as riquezas da terra, com os bens, com as riquezas do Céu. O ouro, a prata, as jóias, as pedras preciosas, todos os tesouros do mundo, apenas servem durante alguns anos; as riquezas do Céu servem sempre, são-nos sempre úteis.

A palavra “Cristão” vem de Cristo

Foi dado aos discípulos de Jesus pelos habitantes de Antioquia, no ano 42 da era cristã. Leitura dos Actos dos Apóstolos, 11, 19 a 27.

Cada homem tem um fim particular que procura conseguir durante a sua vida. Este quer curar as doenças dos seus semelhantes, estuda a medicina. Aquele pretende construir poderosas máquinas, navios, grandes edifícios, estuda engenharia ou arquitectura.

Outro deseja beneficiar a humanidade com as suas inovações ou com os produtos literários ou científicos da sua actividade intelectual, estuda as letras ou as ciências. E assim por diante.

Todos procuram as honras, as riquezas ou os prazeres. Suponhamos uma vida muito longa, uma vida centenária: com a morte, a glória, a riqueza e os gozos sensíveis desaparecem. Esses fins particulares não eram, portanto, o verdadeiro fim da vida.

Qual é então o verdadeiro fim do homem?

Preparar a sua eternidade.

Nós temos duas vidas: a da terra e a do Céu; uma acaba, a outra não acabará nunca.

Como a havemos de preparar?

Aprendendo a ciência que nos permitirá conhecer, amar e servir a Deus neste mundo, para gozarmos dele na eternidade. É a ciência da religião. A palavra religião tem a significação de ligar. Ela liga-nos, une-nos efectivamente a Deus, ensina-nos as verdades que é necessário crer, os deveres a cumprir ou auxílios preparados por Deus.

Tomareis pois a resolução de estudar de boa vontade e de aprender bem a doutrina, de ouvir com atenção as explicações, de cumprir cada vez mais perfeitamente os vossos deveres, os gerais e os do próprio estado, porque decerto quereis ser boas cristãs, visto que não podereis ser religiosas segundo o coração de Deus, boas e santas religiosas, se não fordes, primeiro, cristãs exemplares.

Como se hão-de ouvir as lições de catecismo?

Podemos aplicar a este assunto a parábola da semente.

A semente é o ensino do catecismo. A semente é a mesma para todos. O semeador é Deus, que é representado pelo Sacerdote. O demónio desempenha o papel das aves do Céu: de querer tirar às almas a semente nelas lançada pelo semeador.

A terra é a alma dos catequizados.

De que natureza é a vossa terra?

Caminho: se assistis ao catecismo sem procurar compreender e fixar os ensinamentos ministrados, sem estudar as lições, sem pôr em prática as recomendações que nos são feitas, o demónio arrebatá-vos a semente.

As pedras: se seguis as instruções delas, retendo-as, apenas durante algum tempo na vossa memória, sem as fazer descer ao vosso coração.

Os espinhos: se o ensino do catecismo não vos encontrar dispostos a fazer desaparecer os vossos defeitos: a vossa negligência no cumprimento dos deveres do vosso estado, a impaciência, a dissipação, a curiosidade indiscreta, os pecados e as ocasiões de pecado, maus hábitos, amizades, relações perigosas, etc, se não procurais senão a satisfação da vossa vontade...

Boa terra: aquele que, por sua culpa ou negligência, não falte nunca à lição do catecismo, que estuda as suas lições, que ouve, que reflecte, que procura praticar ensinamentos delas.

Ver Nosso Senhor no Sacerdote que ensina.

O sacerdote faz as vezes de Jesus. Com razão se diz que o Sacerdote é outro Cristo. Temos, portanto, o dever de o ouvir quando nos fala de Deus; é preciso ouvi-los como os doutores da lei ouviam Jesus Menino.

Ouvir, dizendo no fundo do coração: “Senhor, vós tendes palavras de vida eterna”².

Quais são as verdades reveladas por Deus?

Que é o Credo ou Símbolo dos Apóstolos?

O que é o Símbolo? Um resumo da nossa fé.

Donde nos vem? Dos Apóstolos.

Quem eram os Apóstolos?

O Símbolo contém, nos seus doze artigos, o essencial da religião. Sinal que contém também um resumo da nossa fé é o Sinal da Cruz.

As grandes ideias, que é preciso frisar e compreender bem, são as seguintes:

1º. Todas as verdades da religião se encontram em resumo no Símbolo;

2º. O que eram os Apóstolos;

3º. O símbolo é um sinal.

² Cf. Jo 6, 69

O Símbolo dos Apóstolos é assim chamado porque contém a síntese da pregação dos Apóstolos depois do dia do Pentecostes.

Quem são os Apóstolos?

Quais são eles? Pedro, André, Tiago o Maior, João, Filipe, Bartolomeu, Tomé, Mateus, Tiago Menor, Judas Tadeu, Simão o Cananeu, e Judas Iscariotes.

Leitura: Vocação de quatro pescadores (Mt. 4,18-22).

Digamos algumas palavras a respeito de cada um dos Apóstolos.

Simão Pedro

Tinha um temperamento sanguíneo. Sendo uma alma ardente, recta, generosa, mas cheio de presunção, amava profundamente Nosso Senhor. Era natural de Betsaida, pequena povoação das margens do lago de Genesaré. Vivia do produto da sua pesca. Foi escolhido por Jesus para chefe dos Apóstolos. Evangelizou primeiro a Palestina. Encarcerado por Herodes Antipas, foi miraculosamente liberto e passou a Antioquia e, em seguida, a Roma, onde fundou a comunidade cristã que ele governou durante vinte e cinco anos. Pregou em diversos lugares; depois voltou a Roma, onde morreu mártir, crucificado de cabeça para baixo, na colina do Vaticano, no ano 67, por ocasião da perseguição de Nero. Celebra-se a sua festa a 29 de Junho.

André

Evangelizou os Semitas, ao norte do Mar Negro, e algumas colónias gregas nas praias meridiana deste mar. Passou, em seguida, à Grécia, e sofreu o martírio, crucificado numa cruz em forma de X, em Patmos, na Acaia. Celebra-se a sua festa a 30 de Novembro. Era irmão de S. Pedro, pescador de Betsaida como ele, e foi quem trouxe seu irmão a Jesus.

Tiago o Maior

Filho de Zebedeu, pescador do lago de Genesaré, irmão de S. João. Coração franco, alma ardente e impetuosa e, por isso, íntimo de Jesus como seu irmão. Evangelizou durante algum tempo a Judeia, a Samaria, a Síria e as províncias vizinhas. Foi o primeiro Apóstolo mártir. No princípio do ano 42, Herodes, para agradar aos judeus, mandou-o decapitar em Jerusalém. Celebra-se a sua festa a 29 de Julho.

João

O discípulo amado. Sua mãe era Maria Salomé, que fazia parte do pequeno grupo de mulheres que seguia Jesus. Tinha sido, primeiro, discípulo de S. João Baptista.

Na última Ceia repousa sobre o peito de Jesus. Depois do Pentecostes, foi preso com Pedro. Pregou na Samaria e em Jerusalém. Vivia com a Santíssima Virgem, que Jesus lhe tinha confiado ao morrer. Governou a Igreja de Éfeso e todas as Igrejas circunvizinhas. S. João sofreu, em Roma, pela fé; foi mergulhado numa tina de água a ferver mas miraculosamente preservado. Desterrado para a ilha de Patmos, escreveu o Apocalipse. Tendo voltado para Éfeso, morreu nessa cidade no princípio do reinado de Trajano, cerca do ano 101. Celebra-se a sua festa a 27 de Dezembro.

Filipe

Natural de Betsaida, na Galileia. Celebra-se a sua festa a 1 de Maio. Depois de ter convertido à fé quase todo o país dos Sebitas, tendo ido a Hinopolis, cidade da Ásia, foi crucificado e, depois, morto à pedrada.

Bartolomeu

Supõe-se que é Nataniel que Filipe encontrou meditando debaixo duma figueira e conduziu a Jesus. Homem recto e duma grande candura. Evangelizou os Índios e morreu dum horrível martírio: esfolado vivo, foi depois decapitado por ordem do rei Antíoco.

Tomé

Espírito simples, difícil de convencer mas de coração generoso. Tinha nascido em Antioquia. Anunciou o Evangelho aos Partos e Medos, aos Persas, aos (?)³ e foi sepultado em Edessa.

Mateus

Habitava em Cafarnaum, cidade situada nas margens do lago de Tiberíades. Publicano, tornou-se Apóstolo. Pregou na Palestina e escreveu o seu Evangelho; depois, dirigiu-se à Etiópia e talvez aos Persas, e ao país dos Partos. Celebra-se a sua festa a 21 de Setembro.

Tiago o Menor

Primo de Jesus, filho de Alfeu e de Maria e irmão de Judas. Era originário de Nazaré. Antes do Pentecostes, espírito ocupado de esperanças temporais. Depois, tornado um dos mais ilustres membros da Igreja nascente, bispo de Jerusalém durante trinta anos, escreveu, no ano 60, uma epístola aos cristãos saídos do Judaísmo. Celebra-

³ Palavra imperceptível.

se a sua festa a 1 de Maio. Sofreu o martírio, sendo precipitado do alto do templo. Partiu ambas as pernas na queda e um ferreiro esmagou-lhe a cabeça com um martelo.

Celebra-se a sua festa a 28 de Outubro. Pregou o Evangelho na Mesopotâmia e, depois, na Pérsia. O seu cadáver foi sepultado ao pé do templo, no lugar do suplício.

Judas

Chamado também Tadeu, irmão de Filipe Menor, primo de Jesus. Escreveu uma carta aos cristãos da Ásia Menor. Pregou na Síria e na Arábia. Supõe-se que foi martirizado na Pérsia. Celebra-se a sua festa a 28 de Outubro.

Simão, o Cananeu ou Zelador

Era irmão de Judas Tadeu. No se sabe nada ao certo acerca dele. Julga-se que evangelizou o Egipto, o país de Cirene e a Mauritânia. A sua festa celebra-se a 28 de Outubro, ao mesmo tempo que a do Apóstolo Judas.

Judas

Era o único originário da Judeia, tendo nascido em Kerieth. Teve, desde o princípio, a confiança de Nosso Senhor mas tornou-se avaro e ladrão. Tendo vendido o seu Senhor, suicidou-se, enforcando-se. Os Actos dos Apóstolos referem que Matias lhe sucedeu como apóstolo.

Os apóstolos viveram da vida de Jesus durante três anos. Foram formados por Ele e viram os seus milagres. São portanto testemunhas tão fiéis que morreram para atestar a verdade que pregavam.

O Símbolo contém, nos seus doze artigos, o ensino resumido da religião.

Encerram

1º. Verdades naturais que a razão pode conhecer: existência de Deus, imortalidade da alma;

2º. Mistérios conhecidos pela Revelação: Trindade, Encarnação, Redenção, Ressurreição.

O Símbolo é um sinal. A bandeira da Pátria, com as suas cores, é também um sinal. Os doze artigos são o sinal da nossa fé católica. Os doze artigos são inseparáveis; tirai um artigo, o símbolo fica incompleto.

Todos os ensinamentos da religião estão também contidos, em resumo, no sinal da cruz.

1) Os diferentes símbolos

O Símbolo dos Apóstolos contém a doutrina dos Apóstolos. Data do fim do século I e é o mais antigo.

O Símbolo de Niceia é o que se canta na Missa, aos Domingos. Foi composto no século IV e completado no IX. Tinha por fim combater as heresias que atacavam a divindade de Jesus ou o Espírito Santo.

O Símbolo de Santo Atanásio, composto no século VII, encontra-se no Breviário dos sacerdotes. Ler este símbolo.

2) A utilidade dos símbolos: a memória conserva o essencial da Religião. Estas definições são uma barreira contra o erro.

3) Como na Santa Igreja Católica, este artigo é a crença em todo o seu ensinamento.

4) No sinal da cruz nós dizemos em nome, no singular, pela razão muito simples de que as três pessoas não formam senão um só Deus.

Resumindo o que dissemos acerca do Credo ou Símbolo dos Apóstolos, cada um de nós faça um exercício de reflexão sobre as ideias que foram expostas.

O Credo

O “Creio em Deus Pai” é o resumo da pregação dos Apóstolos, uma síntese, um apanhado dos seus ensinamentos. Os Apóstolos viveram com Nosso Senhor durante três anos, os três anos da sua vida pública. Lembremos os nomes de alguns deles: S. Pedro, o chefe do Colégio Apostólico; Santo André, seu irmão; S. João o discípulo amado.

No Credo há doze artigos, doze pequenas frases que resumem toda a religião. Há longos séculos que os cristãos repetem esta mesma prece sem alterar uma só palavra. Não se pode, não se deve suprimir, omitir, a mais pequena destas frases. Todas elas são veneráveis. Eu já não seria digno de ser discípulo de Nosso Senhor se não cresse nestas verdades do Credo.

Façamos o propósito de rezar sempre o Credo com fé, com piedade, lentamente, procurando compreender o sentido de cada palavra.

O Credo é a bandeira do cristão. Antes de orar, façamos o sinal da cruz. E façamo-lo bem feito. O Credo é uma oração que nos recorda toda a nossa religião. É uma oração que encerra a comovente história de Nosso Senhor. É uma oração, repito. É preciso insistir neste ponto, porque muitas pessoas consideram praticamente o Credo como uma lição. Se é uma oração, deve-se rezá-lo como tal. E, ao rezá-lo, fixemos com

mais atenção alguns artigos: *“Nasceu de Maria Virgem, padeceu, foi crucificado, morto e sepultado”*.

O primeiro artigo fala de Deus Pai e da criação; do segundo ao sétimo é a história do Filho de Deus Redentor; nos últimos artigos expõe-se o papel do Divino Espírito Santo, santificador das almas.

Nos primeiros séculos da era cristã, todo aquele que quisesse receber o baptismo devia aprender o Credo e recitá-lo. Algumas semanas antes do baptismo, ordinariamente depois da terceira semana da Quaresma, os catecúmenos reuniam-se com seus pais, padrinhos e madrinhas, dava-se-lhes o símbolo dos Apóstolos, explicava-se-lhes cada um dos artigos, e isto chamava-se a tradição ou entrega do Símbolo. Alguns dias depois, o catecúmeno devia restituir o Símbolo, isto é, recitá-lo. Durante a cerimónia do baptismo devia afirmar que aceitava todos os artigos desta fórmula. Ficava entendido, por esta fórmula, que o cristão, mediante o seu baptismo, se comprometia a guardar fielmente a regra da fé, a não repudiar nenhum artigo. Era o seu Símbolo, o sinal da sua Fé.

Por aqui se vê qual a importância do símbolo.

Ainda hoje, a Igreja obriga o padrinho e a madrinha a recitá-lo na ocasião do baptismo. No dia da Confirmação, o confirmado recita-o com o Bispo.

O sinal da cruz, que é também um símbolo da nossa fé, deve procurar-se fazê-lo sempre bem feito, e, se alguma vez não tiver sido bem feito, convém começá-lo imediatamente, devagar e sem respeito humano. É bom e recomendável fazer este sinal nas tentações, ao levantar e deitar, e no princípio das nossas acções mais importantes. O demónio tem medo do sinal da cruz.

Saudemos as cruzes nas estradas, onde quer que as vejamos, nos nossos passeios, nas nossas viagens, ao menos com uma leve inclinação de cabeça e com os afectos do nosso coração.

O Santo Cura de Ars, S. João Baptista Vianney, dizia: *“O sinal da cruz é terrível para o demónio porque é pela cruz que lhe escapamos”*.

Deve-se fazer o sinal da cruz com um grande respeito. Começa-se pela testa: é o chefe, a criação, o Pai; em seguida, o coração: o amor, a vida, a redenção, o Filho; por fim, os ombros: a força, o Espírito Santo. Nós mesmos somos feitos em forma de cruz.

Convém trazer sempre connosco uma pequena cruz. No nosso quarto, em cima da cama ou por cima dela, tenhamos um crucifixo. Habitue-mo-nos a dizer mentalmente uma pequena invocação quando vemos uma cruz.

A Santa Igreja presta à cruz um culto especial, quere-a nos cimos das igrejas, quere-a sobre os altares, mesmo naqueles em que se conserva o Santíssimo Sacramento; usa-a em todas as bênçãos que dá, e honra-a, sobretudo, na Sexta-feira Santa, em que se realiza a tocante cerimónia da adoração da Cruz.

Leitura do “Hino da Cruz”.

Em 275, um cristão chamado Conou, e seu filho, que viviam na Turquia da Ásia, perto de Iconio, numa região montanhosa, foram denunciados como cristãos. Ambos foram presos, arrancados às montanhas em que viviam e conduzidos à cidade. Eles confessaram generosamente a sua fé. O imperador ordenou que os submetessem a uma longa série de suplícios, entre os quais a grelha incandescente e a caldeira a ferver. Cortaram-lhes ou esmagaram-lhes as mãos; com os cotos, donde manava o sangue a torrentes, eles fizeram pela última vez o sinal da cruz e morreram.

Existência de Deus

Provas:

1º. Como nos ensinam as ciências naturais, há no mundo visível três grupos de seres de características diversas a que chamamos reinos: o reino mineral, o reino vegetal e o reino animal. São grandes as diferenças que existem entre a pedra e a planta, entre a planta e o animal. Há sobre a terra um ente que se serve dos minerais, das plantas e dos animais. É o homem. Mas não há mais nada depois do homem? Não há um ente superior a ele, se foi ele que fez a terra, as plantas, os animais. Existe outro ser, se não foi ele que fez essas coisas. Ora não foi ele. Acima do homem há um ente maior, mais poderoso, e esse ente é Deus. Portanto, Deus existe. A existência de Deus é uma verdade que se impõe.

2º. Deus disse-nos que existia.

Há um livro, um livro admirável, o mais célebre e o mais antigo, tão antigo como o mundo, chamado o livro, por antonomásia, o livro por excelência: é a Bíblia. Esta palavra quer dizer “o livro”. Este livro foi sempre considerado como verdadeiro

por um povo inteiro, pelo povo mais antigo da terra, o povo judeu. Ora, nesse livro vemos que Deus cria o mundo, que Deus fala aos progenitores do género humano, Adão e Eva, que se manifesta aos patriarcas Noé, Abraão, Isaac, Jacob, Moisés, que promulga os seus mandamentos, inspira os profetas e, finalmente, envia à terra o seu Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Os profetas, os patriarcas provam que é Deus que lhes fala, fazendo milagres para esse fim.

Nosso Senhor enche o Evangelho com os seus milagres: Lázaro, o filho da viúva de Naím, cura dos cegos, dos leprosos, dos surdos, dos mudos, etc.

Pode-se, pois, dizer com toda a verdade que Deus manifesta assim a sua existência.

3º. A nossa razão prova-nos a existência de Deus.

Volvendo os olhos em torno de nós, vemos o céu, a terra, os rios, os mares, as florestas, as montanhas. Contemplando uma casa, vemos uma bela porta de ferro, grandes janelas, quartos, um tecto. Se alguém vos dissesse: “esta casa fez-se a si mesma” que diríeis vós? Diríeis, decerto, isto: “Não, vieram os pedreiros, depois os carpinteiros, por fim os marceneiros. Foram eles que fizeram a casa.” Ou talvez não dissésseis nada disso, talvez dissésseis antes que quem faz uma tal afirmação não tem a cabeça em bom estado e deveria ir tratar-se na Casa de Saúde do Telhal, se fosse homem, ou na Casa de Saúde da Idanha, se fosse mulher.

Vós tendes toda a razão: uma casa supõe operários. Mas o céu, a terra, os mares, as florestas, o sol, as estrelas, quem as fez? Puderam fazer-se a si mesmos? Não, é impossível. Então foi Deus. Portanto, o mundo supõe a existência de Deus, o mundo prova que Deus existe. Se alguém disser que o mundo se fez por si mesmo, perguntar-lhe-ia: “Há ordem no mundo?” “Sim, há ordem no mundo. As estações: a Primavera, o Verão, o Outono, o Inverno, o dia, a noite”. A terra, que realiza o seu movimento em volta do sol e o seu movimento de rotação sobre si mesma, todas as leis da natureza, não foi o acaso que pôde fazer isso tudo.

Vede este livro. Ele é composto com as letras do alfabeto. Ora, há centenas, milhares de alfabetos nele. Imaginem que eu corto com uma tesoura todos os a, todos os b, todos os e, enfim, todas as letras, e que vos digo: Vou atirá-las ao ar até que elas, ao caírem, formem este livro inteiro. Vós riríeis e troçaríeis de mim, porque podia passar a

minha vida a lançar essas letras ao ar, sem que chegasse jamais a formar uma página ou mesmo uma simples linha do livro.

Mas, se foi preciso um artista para estabelecer a ordem que há neste livro (o tipógrafo, o compositor), para estabelecer a ordem que há no mundo foi preciso um ser infinitamente poderoso: Deus.

Portanto, Deus existe. A ordem que há no mundo prova-o. No mundo há vida, no mundo há movimento. A vida, o movimento. A vida, o movimento supõem a existência de Deus Criador. Nada pode sair do nada. Um zero será sempre um zero. Foi Deus que deu a vida à primeira planta, à primeira árvore, ao primeiro animal, ao primeiro homem.

Numa palavra, basta abrir os olhos para conhecer a existência de Deus.

Se descobris vestígios de passos sobre a areia, vós dizeis: alguém acaba de passar por este caminho, esses passos conduzem-vos a uma casa, vós entrais, há ordem em todos os aposentos, em cima duma mesa encontrais um livro aberto; concluís: há aqui um ser inteligente, uma pessoa que sabe ler. Ora a vossa razão vos mostra no mundo os vestígios dum Deus Criador e infinitamente poderoso e inteligente. A conclusão é: Deus existe.

4º Além das provas da razão, há ainda esta outra prova: todos os povos, os mais selvagens como os mais civilizados, crêem em Deus.

A ideia que os pagãos fazem de Deus é falsa, é cheia de erros grosseiros, mas o que é certo é que eles admitem que Deus existe. Não são as paixões a causa desta crença porque a ideia de Deus lhes é contrária. Não é tão pouco o interesse, como é claro. Portanto é a verdade que se impõe e cumpre dizer: todos os povos conservam a lembrança de Deus que falou aos nossos primeiros pais.

5º A nossa consciência prova que Deus existe. A consciência é uma voz que fala em nós, que nos aprova quando praticamos o bem e nos censura e condena quando fazemos o mal. Esta voz diz-nos que seremos recompensados pelo bem e castigados pelo mal que fizermos.

Esta voz fala antes, durante e depois da acção. Ela compara a nossa acção com uma lei que está em nós e que nos indica se o que fazemos é bom ou mau. Esta lei e esta voz não são nossas, não provêm de nós. Sucede que muitas vezes não quereríamos

ouvi-las. Esta lei é a mesma para todos. Quem a colocou na alma? Foi Deus. Portanto Deus existe.

Resumo das provas da existência de Deus:

1. Ao vermos um edifício com as suas várias partes: os alicerces, as paredes, a abóbada, o tecto, concluímos que foi um homem inteligente que o ideou, lhe fez a planta e o construiu.

Ora o mundo é um edifício maior e mais admirável do que um edifício. É grande, é imenso. Há nele tantas e tantas coisas: as estrelas, os planetas, a terra. Na terra há as montanhas, as planícies, etc. Ora estas coisas não existiram sempre nem têm em si mesmas a razão da sua existência, porque podiam deixar de existir. Houve alguém, portanto que lhes deu a existência. Quem é esse alguém? É Deus.

2. Reparai ainda, por exemplo, numa locomotiva, num navio, num aeroplano, num relógio. Quantas partes diversas de que se compõem, e cada uma delas destinada a uma função especial. A locomotiva pelo movimento conjugado e exacto de todas as suas peças arrasta o comboio numa correria veloz. O relógio marca com exactidão o tempo por causa da maravilha de tantas partes pequeninas, rodas, engrenagem, ponteiros. Estes objectos mostram-nos claramente uma inteligência que os ideou e uma mão que os construiu, o homem.

Considerando o mundo inteiro, reconhecemos que é ainda mais admirável a ordem que reina em todo ele. O sol move-se e em volta dele giram imensos planetas sem nunca se chocarem na imensidade do espaço: a terra gira de modo que o dia sucede regularmente à noite, não se aproximando demasiado do sol, aliás morreríamos queimados, e sem se afastar demais, senão morreríamos gelados; as estações, o Outono, a Primavera, o Verão e o Inverno, sucedem-se com uniformidade. A tudo isto acrescentam os reinos da natureza, os minerais, os vegetais e os animais que correspondem às necessidades do homem. Ordem em tudo, ordem constante imperturbável absoluta. Quem dirige assim o mundo há tantos milhares de anos? Quem o ideou e criou? A inteligência de Deus.

Dir-se-á: foi o acaso: mas o acaso é uma palavra vã. O acaso não é outra coisa senão o nada. Ora o nada não pode fazer nada.

3. Quando praticamos o mal, temos vergonha, sentimos remorsos. A razão é porque Deus que nos criou, imprimiu na nossa alma o conhecimento do bem e do mal e uma lei que nos faz sentir o dever de praticarmos o bem e evitarmos o mal.

Nas necessidades, nos perigos da alma ou do corpo, voltamo-nos para Deus, somos como que impelidos a invocar o auxílio dum ser Superior. Muitos que em vida, negaram a existência de Deus, à hora da morte arrependem-se e confessam que sentiram sempre a existência dele e que, se o negaram, foi para se sentirem mais livres e para (?)⁴

A prova tirada da existência do mundo, que é uma prova física, pode ser considerada como prova metafísica: a contingência do mundo. O argumento pode formular-se em forma silogística do seguinte modo: As causas segundas exigem uma causa primeira, assim como suas contingentes exigem um ser necessário. Ou o mundo só consta de causas segundas ou de seres contingentes. Logo o mundo exige uma causa primeira e um ser necessário.

A maior: As causas segundas sendo causas subordinadas, incapazes de produzirem, por si mesmas, a sua existência, necessitam para explicar essa existência, duma causa necessária. De nada vale dizer que uma tira da outra a sua origem. Porque, ainda que se admitissem séries ilimitadas de causas segundas, o número delas, por maior que fosse, sendo como é de causas semelhantes, nunca modificaria a natureza delas. Acumulando-se multidões de cegos, nem com isso se alcançaria um só homem de vista perfeita.

Do mesmo modo, os seres contingentes, como não possuem em si próprios a razão de ser da sua existência, devem ter esta razão fora de si, noutra ente, chamado ente necessário, que é Deus.

A menor: O mundo é um conjunto de coisas passageiras, cuja não existência não repugna ao nosso espírito. Os seres visíveis não existem por si mesmos. A sua existência, além disso, não é necessária. Por outro lado, a ciência ensina que noutras idades não havia plantas nem animais. Segundo ela, o aparecimento do homem é relativamente recente. Ora, se cada uma das partes do mundo não existe necessariamente, também o todo não pode existir necessariamente.

Prova tirada do movimento do mundo. Motores segundos supõem e exigem um primeiro motor. Motores segundos são os que não têm em si a razão de ser do seu

⁴ Palavra imperceptível.

movimento. Ora, o mundo tem um movimento de que ele não à o autor. Logo, obedece a um primeiro motor universal.

Maior: De nada vale admitir uma série infinita de motores que se movessem uns aos outros. Desde que cada um não pode dar a si próprio o movimento que o anima, é necessário admitir um primeiro motor.

Menor: É um facto evidente a existência do movimento no mundo. Ora, a ciência ensina que a matéria, os seres inorgânicos são inertes. Quer dizer, não podem, por si mesmos, adquirir o movimento nem modificar o movimento que porventura já tenham. Ainda que se admitisse o movimento do mundo desde sempre, não se poderia prescindir dum primeiro motor que lhe tivesse dado o movimento. A razão é que, se nenhum ser é capaz de dar o que não tem, tudo o que por natureza é inerte, sem movimento, deve ter recebido um movimento, uma vida, duma coisa estranha. Essa coisa, esse primeiro motor imóvel é Deus.

Prova tirada da ordem do mundo ou prova das coisas finais. A ordem é sempre o efeito dum ser da inteligência. Ora, no mundo há uma ordem admirável. Logo, na ordem do mundo exige uma causa inteligente.

Maior: Ordem significa adaptação dos meios ao fim. Esta adaptação só pode ser feita por uma causa inteligente.

Menor: É evidente que a ordem existe no mundo. Por toda a parte há proporção entre os meios e o fim. Ordem em toda a natureza, nos astros, na terra. Todo o ser forma órgãos adaptados ao princípio que lhe à próprio.

Dir-se-á: a ordem no mundo é obra do acaso. Não. Porque o carácter dos efeitos do acaso é a falta de ordem e de simetria.

Dir-se-á: A ordem do mundo é resultado da evolução. Não. Porque, se a evolução pode ser a lei que regulou a formação do mundo, então é lei. Mas causa é que não é nem pode ser.

Voltaire dirá: “*L’Univers m’embarrasse et je ne puis songer que cette horloge marche et n’ait point d’horlogier*”.

Provas menores da existência de Deus.

Prova tirada da lei moral. Há uma lei moral que exerce o seu império sobre a consciência dos homens. Ora, esta lei universal só Deus a pode criar. Logo, Deus existe.

Maior: Há uma regra absoluta, geral e imutável que nos prescreve o bem e nos proíbe o mal. É a consciência que promulga essa regra. Antes de praticarmos uma acção, a voz da consciência diz-nos se ela é boa ou má. Praticada a acção, aprova-a se é boa, condena-a, se é má.

Menor: Qual é a origem desta lei que a consciência revela? Toda a lei exige um legislador. Só uma vontade superior e independente pode impor uma obrigação a uma vontade inferior e dependente. Ora, esse legislador não somos nós mesmos nem a sociedade.

Não somos nós. É impossível ser ao mesmo tempo legislador e súbdito. Nem a beleza da virtude, nem a sua conformidade com a natureza humana, nem a harmonia existente entre a virtude e a felicidade podem ser motivos e fundamento do dever. Nada disso é susceptível de calar a obrigação moral. A beleza moral dum acto não basta para o tornar obrigatório, porque, aliás, quanto mais nobre fosse um acto tanto mais imperioso se tornaria. Não há conformidade do bem com a natureza humana, porque custa muitas vezes praticar a virtude e vencer as tentações. Nem sempre, finalmente, há harmonia entre o dever cumprido e a felicidade. E ainda quando houvesse, a felicidade seria um incentivo que levaria o homem à prática do bem e nunca um princípio de acção, porque ninguém está obrigado a procurar a felicidade. Na sociedade não existe melhor base para alicerçar a obrigação moral. Efectivamente, nenhum homem é senhor absoluto dos seus semelhantes. Na sociedade, tanto os que dirigem como os dirigidos estão sujeitos à mesma obrigação moral. Logo, fora de Deus, o dever é um absurdo, não podendo ser senão Deus a fonte da lei moral.

Acresce que, sem Deus, os nossos actos não poderiam ter uma sanção justa, a qual é necessária, não para fundamentar mas para integrar a lei moral. A ordem exige que seja recompensado o cumprimento da lei e punida a sua transgressão culpável. Ora, as sanções terrestres não proporcionam nenhuma garantia satisfatória. Logo, só em Deus encontraremos o Remunerador Supremo do bem e do mal, como o reclama a nossa consciência.

Prova tirada do consenso unânime dos povos.

Se a razão humana pode demonstrar a existência de Deus, como realmente pode, em todos os povos se deve encontrar o reconhecimento unânime do Ente Supremo.

Efectivamente, a história africana diz que, em todos os lugares e em todos os tempos, os povos acreditavam na existência de Deus.

Plutarco, por exemplo, diz: *“É possível que acheis aglomerações humanas que não tenham muralhas, ou palácios, ou leis, ou moeda, ou cultura literária. Mas povo sem Deus, sem preces, sem mistérios, sem ritos religiosos, sem sacrifícios, é que não achareis nunca. Embora os homens se tenham extraviado nas concepções acerca da divindade, como os politeístas, no fundo desses extravios está o testemunho da consciência universal”*. *“Nação alguma, diz Cícero, por atrasada que seja, deixa de crer na existência dos deuses, ainda quando erre no tocante à natureza deles”*.

A origem desta crença não é o temor, porque ninguém tem medo dum ser cujo principal atributo é a bondade; não é a ignorância, porque ignorantes e cultos admitem a mesma fé; não são as paixões, porque a existência de Deus é-lhes contrária; não são as leis humanas, porque, quando muito, os legisladores exploraram a crença dos seus súbditos para lhes (?)⁵ o respeito e a submissão. Eles não a criaram, aliás, a história ter-nos-ia conservado o nome do inventor.

Portanto, em conclusão, se todos os povos têm admitido a existência de Deus, isso é sinal de que esta crença é filha da razão, e assim, o consenso universal dos povos, embora não seja uma nova prova, confirma as outras provas e é uma demonstração indirecta da existência de Deus.

⁵ Palavra imperceptível.

ÍNDICE TEMÁTICO

Eucaristia.....	3
Penitência.....	4
Contrição.....	6
Formação das Superiores.....	9
Dogma.....	9
Existência de Deus.....	18